

## APRESENTAÇÃO

# DOSSIÊ “UMA SAÚDE ANTROPOLOGICAMENTE COLETIVA: MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA SAÚDE”

LAURA COUTINHO<sup>1</sup>

ORCID: 0009-0003-2063-3454

ANA PAULA JACOB<sup>2</sup>

ORCID: 0000-0001-9988-7753

CAROLINE FRANKLIN<sup>3</sup>

ORCID: 0009-0004-4880-0194

A ideia de “Uma Saúde Antropológicamente Coletiva” possibilita uma reflexão sobre novas perspectivas em relação aos processos e discussões no campo da saúde. Essa proposta busca quebrar a noção de um domínio único, frequentemente associado a uma área do saber — a medicina, por exemplo. Compreender processos de adoecimento, cuidado, limites da pesquisa e do saber biomédico são formas de ampliar a discussão e torná-la mais diversa. Ao mesmo tempo em que oferece uma abordagem antropológica, dada a formação de grande parte das autoras e pesquisadoras envolvidas no Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva – CASCA, sugere uma construção epistemológica intrinsecamente coletiva, tanto por não se restringir a uma única maneira de refletir quanto por ter, em seu cerne, uma comunidade científica engajada que produz, em conjunto, o conhecimento.

Essa aproximação, desenvolvida em encontros de um grupo de pesquisa interdisciplinar, permite compreender os entrelaçamentos que a dimensão da saúde pode abranger, explorando a interseção de temas e as abordagens diferentes. Temos uma variedade de entradas analíticas, que podem ser divididas em três eixos temáticos principais: o primeiro envolve reflexões sobre saúde em contextos de emergência sanitária, mobilizando aportes da Antropologia da Ciência e da Tecnologia para analisar a produção de saberes e a atuação científica em situações críticas; o segundo se volta para as tensões no acesso a direitos e às práticas de cuidado, explorando tanto os desafios institucionais no campo da saúde reprodutiva quanto as formas populares e contra-hegemônicas de cuidado que resistem à lógica biomédica dominante; e o terceiro discute a formação profissional e os conflitos raciais no campo da saúde, a partir de uma perspectiva antropológica. Propor uma outra perspectiva, menos comum, antropológicamente coletiva, permite reunir investigações sobre temas diversos relacionados à saúde brasileira. Desta maneira, as autoras e autores promovem diálogos possíveis e refletem sobre a escuta de diferentes atores e suas implicações nas relações sociais no contexto brasileiro.

O Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva (CASCA) é um laboratório de pesquisa vinculado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (ICS/UnB), coordenado por Soraya Fleischer, do Departamento de Antropologia (DAN/UnB), e Rosamaria Carneiro, do Departamento de Saúde Coletiva (DSC/FS/UnB), também vinculada ao Departamento de Estudos Latino-Americanos (Universidade de Brasília, 2022). Inclui também estudantes orientados e supervisionados por elas, além de pesquisadores e professores visitantes. Foi nesse coletivo que nós desenvolvemos pesquisas, tendo muitos trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses sido defendidos entre 2022 e 2025. Sob esse pretexto, ao final de 2023, Soraya Fleischer nos incentivou a fazer uma coletânea com resultados dos trabalhos dos integrantes do CASCA que já haviam sido defendidos. O objetivo era fazer um apanhado de artigos advindos de monografias, dissertações e teses

<sup>1</sup> Bacharela em Antropologia e Ciências Sociais pela Universidade de Brasília e atualmente graduanda em Estética e Cosmética pelo Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos. Pesquisadora da CASCA desde 2022. E-mail: ltqcoutinho@gmail.com

<sup>2</sup> Professora substituta do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) e pós-doutoranda no programa de pós-graduação em Epidemiologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutora em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (2024) tendo investigado a perspectiva de cientistas sobre o “kit-covid” durante a pandemia. É membro da CASCA desde 2021. E-mail: anap.jacob@gmail.com

<sup>3</sup> Antropóloga e cientista social pela Universidade de Brasília. Fez parte do CASCA entre 2022 e 2024, como pesquisadora do projeto “Uma Antropologia do Vírus Zika: Resultados, retornos e epistemologias”. Atualmente é graduanda em Ciência Política na UnB e pesquisadora do grupo de estudos e pesquisas Psicodinâmica do Trabalho Feminino (Psitrafem - IP/UnB). E-mail: carolpinh@gmail.com

defendidas e aprovadas, oferecendo um panorama dos saberes emergentes e recentes no campo da Antropologia e Saúde Coletiva na UnB.

O dossiê não contou com uma chamada pública, mas um conjunto de 13 pesquisadores e pesquisadoras que tinham defendido seus trabalhos recentemente foram convidados a transformá-los em artigo científico. Poderiam, por exemplo, resumir o trabalho em um texto menor ou escolher um capítulo e adaptá-lo ao formato de artigo. Destes, 8 aceitaram o nosso convite e, ao final, recebemos 6 artigos.

Para definir uma ordem dos artigos deste dossiê, optamos por uma organização que valoriza a pluralidade acadêmica que compõe o CASCA. O nosso objetivo é reconhecer o percurso formativo como parte constitutiva da produção de conhecimento. Sendo assim, acompanhamos a complexidade crescente dos recortes e abordagens ao longo das etapas da formação acadêmica. Para tanto, adotamos como critério principal a titulação, iniciando com um texto derivado de uma monografia de graduação e finalizando com um artigo elaborado durante um doutorado.

A peça que inaugura este dossiê, de Isadora Valle, é intitulada “Resposta em nível científico: a escrita nas ciências sociais e nas ciências biomédicas a partir da epidemia de vírus Zika em Recife/PE”. O texto propõe uma reflexão sobre as formas de produção e circulação do conhecimento em contextos de emergência sanitária, comparando os modos de produção de conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais e na Biomedicina durante o contexto da epidemia de Zika Vírus em Recife. Ela ressalta como ciência, linguagem e políticas públicas se entrelaçam na produção de subjetividades e intervenções no campo da saúde. Atualmente, Valle cursa o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB (PPGA/UFPB).

Ainda no contexto da epidemia do Zika Vírus, Mariana Petruceli se propõe a investigar a noção de ciência responsável e responsabilidades científicas no segundo artigo: “Ciência e responsabilidade: um estudo antropológico sobre a pesquisa em saúde em Recife/PE”. Para isso, a autora aborda a manifestação destas no eixo biopsicossocial, eixo de investigação neuroclínica e eixo de redes integradas de atenção e políticas de saúde. O estudo reflete a importância de produzir uma ciência responsável para além da neutralidade científica e em colaboração com o sujeito de pesquisa. Petruceli cursa o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UnB (PPGAS/UnB).

Já o artigo “Do centro à margem: meninas vítimas de violência sexual e o aborto legal no Brasil”, de autoria de Daiana Silva e coautoria de Rosamaria Carneiro, perpassa a temática dos direitos reprodutivos e elabora como esses direitos, embora garantidos por lei, não funcionam na prática. Denunciando uma quase epidemia de violência sexual no Brasil, as autoras refletem sobre como as gravidezes indesejadas, frutos de violência, estão no centro da proteção estatal, enquanto a autonomia e a vida das jovens gestantes são jogadas à margem de seus direitos. Silva está no doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas da UnB (PPGECSA/UnB).

George Caetano assina seu artigo também em coautoria com Carneiro. Intitulado “Santo de casa também faz milagre: andarilhagens etnográficas junto a uma terapeuta popular”, o texto acompanha as práticas terapêuticas de uma mãe de santo no Distrito Federal, em um momento atravessado por restrições impostas pela Covid-19 e pela ascensão de discursos hegemônicos que reivindicam para si a verdade e a autoridade sobre o cuidado. O autor argumenta que afeto, escuta e saberes tradicionais se entrelaçam em práticas de saúde contra-hegemônicas que desafiam a soberania biomédica e repensam os modos de produzir cuidado. É médico e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UnB (PPGSC/UnB).

No artigo “Contexto pra lá, contexto pra cá: contribuições antropológicas para a formação de psicólogos-psicoterapeutas”, João Paulo Siqueira reflete sobre o mito da democracia racial no Brasil e o consequente silenciamento das marcas raciais na formação em Psicologia. Para isso, o autor decide investigar um documento potencialmente revelador: o Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia de uma universidade do Centro-Oeste, evidenciando a herança branca da psicologia brasileira e os modos pelos quais o debate racial é frequentemente evitado, silenciado ou deslocado por diversos atores institucionais. Siqueira é psicólogo e mestre em Antropologia Social pelo PPGAS/UnB.

Por fim, na última peça, Thais Valim nos apresenta um panorama sobre a construção de saberes científicos durante a epidemia de Zika em Pernambuco no artigo “‘O maestro é a pediatria’: Notas iniciais sobre expertises, associações e agregados científicos durante a epidemia de Zika Vírus em Recife/PE”. A autora segue o rastro das associações construídas ao longo dessa emergência, destacando como o estudo com bebês exigia saber clínico especializado, de modo que a Pediatria assumiu um papel no centro da pesquisa, como maestro

da orquestra científica. Valim recentemente defendeu seu doutorado no PPGAS/UnB e atualmente trabalha como analista de mobilização comunitária da Casa Bom Samaritano.

A perspectiva proposta neste dossiê permite refletir sobre o fazer científico e as práticas de saúde no Brasil. Ao colocar em relevo a escuta de múltiplos atores e perceber como significados e intencionalidades constituem relações diversas, este dossiê convida a uma imersão nas dinâmicas sociais, éticas e políticas que constituem diferentes experiências de sujeitos pelo país. Os trabalhos aqui reunidos oferecem um panorama multifacetado dessas dinâmicas: desde a natureza socialmente construída da ciência e as responsabilidades éticas em emergências sanitárias, como a epidemia de Zika Vírus em Recife/PE, passando pelas tensões e silenciamentos no acesso a direitos reprodutivos e nas práticas de cuidado biomédicas e populares, até as intersecções entre a formação profissional em Psicologia e a ausência de debates raciais. Cada um deles revela as diversas camadas que constituem o campo da Antropologia e da Saúde Coletiva, aprofundando a compreensão sobre as interações entre vida social, saberes especializados e narrativas de doença. Convidamos, assim, leitores e leitoras a percorrerem essas investigações e refletirem sobre diferentes perspectivas.

Boa leitura!

## REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Departamento de Estudos Latino-Americanos. Laboratórios: Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva (CASCA). 2022. Disponível em: <https://ela.unb.br/pesquisa/laboratorios>. Acesso em: 10 jun. 2025.